

O ÓBVIO ULULANTE

As primeiras confissões de Nelson Rodrigues

Nota do editor *11*

Prefácio: Aos velhos e novos leitores *13*

1 Em 1915 era bonito “ser histérica” *16*

2 Matava e morria na Guerra do Paraguai *21*

3 Dr. Alceu, reze menos por mim *26*

4 Uma estrela que nenhum vento pode apagar *32*

5 O grande homem é o menos amado dos seres *37*

6 Fui um menino de paixões de ópera *42*

7 Ah, o Vinicius de Moraes é um ser numeroso que só anda em bando *47*

8 Na escola pública, minha merenda foi uma só, imutável: — banana *52*

9 Aos sete anos desejei ser crucificado *57*

10 Onde estão os negros brasileiros? *62*

11 O canalha nº 1 *67*

12 Velhas e novas gerações *72*

13 “Negro burro! Negro sem-vergonha!” *77*

14 Um amor que continua para além da vida e para além da morte *82*

15 Conheço vários jovens já descontentes, já desiludidos *87*

16 A vítima obrigatória *92*

17 De 30 a 35 não amei, nem odiei *97*

18 Chega à janela e olha o céu. Será o apelo de uma fé perdida? *102*

19 Morte tão leve como a euforia de um anjo *107*

20 Ser para sempre fi el e morrer, um dia, com o ser amado *112*

21 A grande utopia do homem é achar um ouvinte *117*

22 D. Selma teria sido a última “mulher fatal” *122*

23 Também temos um patricio que jamais será demitido *127*

24 Os botecos ideológicos da cidade *132*

25 Assim é um líder *137*

26 Tão intranscendente e tão amoral como um bichinho deavenca *142*

27 O septuagenário nato *147*

28 Os jovens sem amor *152*

29 Soltaram um “jovem” vago, difuso, sem cara, sem alma, que é um monstro *157*

- 30 O leque foi um momento *162*
- 31 História de lagostas *167*
- 32 A namorada da PUC *172*
- 33 A viagem *177*
- 34 Os mortos deslizavam *182*
- 35 O enterro fluvial *187*
- 36 Disse coisas ao Callado que não diria ao médium depois de morto *192*
- 37 O único negro do Brasil *197*
- 38 A grã-fi na de 1929 parece anterior a Cleópatra,
anterior à Rainha de Sabá *202*
- 39 O contínuo de si mesmo *207*
- 40 E, por toda a semana, o artigo de Corção começou a badalar *212*
- 41 É aluna da PUC e desapareceu como se jamais tivesse existido *217*
- 42 Não acreditamos na palavra, nem acreditamos no fato *222*
- 43 Integrar para não entregar *227*
- 44 A viuvez de *sarong* *232*
- 45 Será o Dr. Alceu um Robinson Crusoe sem radinho de pilha? *237*
- 46 Quem for brasileiro que me siga! *242*
- 47 Eis o fato novo na vida brasileira: — o culto da imaturidade *247*
- 48 Grande comício *252*
- 49 Não é uma agitação estudantil. É uma Revolução Francesa
sem Maria Antonieta *257*
- 50 Ódio ao herói *262*
- 51 Queria quebrar a cara e não sabia de quem, nem por quê *267*
- 52 Somos oitenta milhões de vendidos ao americano *272*
- 53 A França inaugurou o herói sem risco, a epopéia sem ônus *277*
- 54 O pudor de viver *282*
- 55 Belo jornal *286*
- 56 Declarou no meio da sala: “o verdadeiro Cristo é Marx!” *291*
- 57 A feia solidão *296*
- 58 Feio e vil mundo, em que só o ódio constrói o grande homem *301*
- 59 O espírito morto *306*
- 60 Os intelectuais *311*
- 61 Um ator persegue uma platéia *316*
- 62 O homem fatal *321*
- 63 Ainda o *Jornal do Brasil* *326*
- 64 E novamente Sartre *331*

- 65 Ama-se “pra frente”, trai-se “pra frente”, mata-se “pra frente” 335
- 66 O medo de parecer idiota 340
- 67 E o fi lho disse ao pai que lhe partia a cara 345
- 68 Dezoito quilômetros de mulher nua! 350
- 69 Novo teatro 355
- 70 A fome do Nordeste 360
- 71 A estrela do atropelado 365
- 72 A Inglaterra é uma paisagem sem ingleses 370
- 73 Quando ele começou a falar do pai, imaginei:
“esse não é um Karamazov” 375
- 74 Sem medo do conselheiro Acácio 380
- 75 Esconda seu amor, ninguém pode saber que você ama 385
- 76 Seu “bom-dia” tem mais tambores, metais do que o Hino Nacional 390
- 77 Os nossos jovens de ambos os sexos esquecem antes de amar 395
- 78 É um progressista. E, como tal, inventou a missa cômica 400
- 79 Esquerdas e forças armadas 405
- 80 “Muerte” na passeata 410
- 81 Passou a época do “grande jornalista” 415
- Cronologia 419
- Índice Onomástico XX

Nota do editor

Publicadas em livro, as memórias que Nelson Rodrigues passou a escrever em 1967 sugerem uma autobiografia a como outra qualquer: meditação sobre o passado, avaliação de experiências. *Confissões* é, no entanto, um título ambíguo: pode lembrar Santo Agostinho ou manchete sensacionalista. No caso de Nelson, tinha o apelo da última e a qualidade do primeiro.

Mais do que dramaturgo ou cronista, Nelson era, naquela época, uma personalidade cercada de frases lapidárias por todos os lados. Quando mergulhou em sua própria história, o fez da mesma forma com que transformou a vida alheia em crônica ou fíccão: na urgência da hora, entre os horários de fechamento do jornal.

As confissões que resultaram em *O óbvio ululante* foram, portanto, publicadas nas páginas de *O Globo* entre novembro de 1967 e agosto de 1968 (apenas duas crônicas foram pinçadas de edições do *Correio da Manhã* de maio de 1967). Guardam desta origem o formato — parágrafos numerados como se fossem tópicos, que dão ao texto um ritmo peculiar — e a mistura de permanência e efemeridade. Junto a referências cotidianas e banais, são frequentes digressões raramente encontradas em páginas de literatura “pura”, como esta emocionante síntese da descoberta do mundo:

“Para os meus três anos, o mar, antes de ser paisagem, foi cheiro. Não era concha, nem espuma. Cheiro. Meu pai, antes de ser fígura, gesto, bengala ou pura palavra, também foi cheiro. Ninguém tinha nome na minha primeira infância. A estrela-do-mar não se chamava estrela, nem o mar era mar. Só quando cheguei ao Rio, em 1916, é que tudo deixou de ser maravilhosamente anônimo.”

Quarenta anos depois de Nelson ter iniciado sua idiossincrática busca do tempo perdido, *O óbvio ululante* volta a seu formato original, idêntico ao da primeira edição, de 1968, em títulos de crônicas, ordenação de texto e até mesmo nas eventuais imperfeições. Mas, se a qualidade literária de Nelson está, obviamente, intacta, o mesmo não se pode dizer das referências a pessoas, fatos e obras nem sempre óbvias — e tampouco ululantes — para leitores de hoje.

Em busca de Nelson como ele é, esta edição intervém o mínimo na obra mas abre ao leitor algumas possibilidades além do texto. Ao final de cada crônica, informamos a data e o jornal em que foi originalmente publicada. E, quando for o caso, são indicadas ao longo dos capítulos alterações significativas de texto eventualmente ocorridas na passagem do jornal para o livro. No final do volume, uma cronologia dá conta de fatos-chave da época para situar alguns dos episódios comentados pelo autor e, ao habitual índice onomástico, acrescentamos informações biográficas dos personagens e, sempre que possível, explicamos suas ligações com Nelson. As notas de pé de páginas foram, por isso, reduzidas ao mínimo indispensável.

Vinte anos mais velhas, essas *Confissões* me deram, na releitura que fiz, para o prefácio que aqui vai, a serena certeza de estarem vinte anos mais novas. Explica-se. Nelson Rodrigues, que adorava ser e parecer velho, nasceu com o dom de inovar e a fúria de renovar. O mundo lhe começou a chegar pelos ouvidos. Foram as palavras as suas primeiras e fundas percepções do que lhe ia em torno. No princípio, era o verbo, para copiar a palavra bíblica. Com elas aprendeu, com elas conviveu. O verbo o batizou. Desde então e para sempre (isso está em suas revelações), considerou sagrada toda e qualquer palavra.

Nas inovações da prosa de Nelson Rodrigues nada há que a deforme, a palavra. Nunca investigou a

alma humana, para criar neologismos ou recriar sintaxes. O que fez foi buscar a palavra exata para desvendar almas. Deu a cada palavra o máximo de sua expressividade, desatrelando-a de frases feitas, dando-lhe relações novas, estabelecendo afinidades surpreendentes e reveladoras com outras palavras. O “óbvio ululante” é hoje o mais famoso exemplo dessa busca. Com palavras íntegras, criou seu mundo. Daí, a ironia de que vêm repassadas as referências que faz a Guimarães Rosa. Um dia, ao lhe perguntar, num de nossos encontros, se havia lido Joyce, disse apenas: “Já ouvi falar”.

Nelson nasceu em estado de fíção. Hoje, ao recordá-lo andando comigo pelo centro da cidade, à tardinha, para encontrar o Otto Lara Resende, na Procuradoria do Estado, ali perto do Palácio Tiradentes, me dou conta de que o Nelson era um personagem do Nelson. Como foram por ele tratados como personagens os amigos mais chegados, o já citado Otto e o idolatrado Hélio

Pellegrino (foram essas as suas mais fíeis e profundas admirações).

Era incômodo ser amigo e personagem do Nelson. Fui um deles. Sei do que falo. Tirava-nos de nossas realidades e nos transpunha para a sua imaginação, para o seu palco. Havia carinho? Talvez, mas tão impregnado de ironia que nunca soube, quando citado, se devia me humilhar ou me ofender. “Nem uma coisa nem outra”, aconselhava o Otto. “Diga-se feliz e lisonjeado. Se reclamar, piora.” Mais do que eu, ele sabia do que falava. Segui o conselho e me dei bem.

Nelson era um criador de tipos, e todos nós éramos tipos. Como o anônimo cidadão que lhe serviu para criar o Palhares, o canalha, o que “atacava as cunhadas nos corredores”. Ou como a jovem que serviu de modelo para “a estagiária do JB”. Ou feito o sacerdote que o inspirou a criar o “padre de passeata”. Ou, ainda, a imortal grã-fí na “com nariz de cadáver”. Tudo tecido com mordaz ironia. Há boa ironia benévola?

Os novos leitores das *Confissões* não de se encantar. Os velhos leitores não de se surpreender com as descobertas que farão. Um grande livro como este tem o condão de nascer para os jovens e renascer para os mais velhos. Como diz o próprio Nelson, a “arte da leitura é a da releitura”.

Assino embaixo.

Cláudio Mello e Souza

1 “Beijarei o punhal que matar Pinheiro Machado” — soluçou o orador. E, realmente, enfiou a mão no colete, ou cinto, e de lá arrancou, com ágil ferocidade, o punhal homicida. Logo, à vista de todos, beijou, chorando, o punhal. As lágrimas deslizavam pela face cava. E o orador, prolongando o efeito cênico, ainda ficou, por algum tempo, com o punhal erguido e profético. Um uivo unânime subiu das entranhas do silêncio. O comício veio abaixo. Sujeitos atiravam para o ar os chapéus de palha.

2 Mas resta de pé a pergunta: — Por que exatamente o punhal? Por que o ódio havia de ter a forma esguia e diáfana do punhal? 1915. Era o Brasil do fraque e do espartilho. Nas salas de visitas, havia sempre uma escarradeira de louça, com flores desenhadas em relevo. Eu tinha meus três anos e estava em Pernambuco. Três anos. Aos três anos, o sujeito começa a inventar o mundo. Minha família morava na praia. E eu começava a inventar o mundo. Primeiro, foi o mar. Não, não. Primeiro, inventei o caju selvagem e a pitanga brava.

3 Para os meus três anos, o mar, antes de ser paisagem, foi cheiro. Não era concha, nem espuma. Cheiro. Meu pai, antes de ser figura, gesto, bengala ou pura palavra, também foi cheiro. Ninguém tinha nome na minha primeira infância. A estrela-do-mar não se chamava estrela, nem o mar era mar. Só quando cheguei ao Rio, em 1916, é que tudo deixou de ser maravilhosamente anônimo.

4 Eis o que eu queria dizer — o primeiro nome que ouvi foi o de Pinheiro Machado. Alguém se chamava Pinheiro Machado. A princípio, ele não foi um

1

destino, um perfí l, um fraque, mas tão-somente um nome. Um nome solto no ar, quase um brinquedo auditivo. Eu não inventara ainda a morte, não inventara ainda o punhal, nem a palavra “defunto”.

5 Escrevi, não sei onde, que foi um suicida que me revelara a morte e me ensinara a morrer. Engano, engano. Foi Pinheiro Machado, sim. Pinheiro Machado. E, súbito, eu aprendia que o homem morre e que o homem mata. Ainda hoje, e até nas minhas crônicas esportivas, falo muito, com uma constância obsessiva, no assassinato de Pinheiro Machado. Uns acham graça e ninguém entende a insistência cruel. Ah, eu teria de explicar que há, em qualquer infância, uma antologia de mortos; e, para o menino que fui, Pinheiro Machado é um desses mortos fundamentais.

6 Mas, repito a pergunta: — Por que havia de ser o punhal? Pinheiro Machado podia ser assassinado a tiro, a bala. Pouco antes, um jornalista fora assassinado em Pernambuco. Chamava-se Trajano Chacon. Três ou quatro se juntaram e o mataram, a cano de chumbo. Não faca, punhal ou revólver. No caso de Pinheiro Machado, quero crer que o punhal convinha mais à retórica. Na época do soneto, era mais parnasiano. O orador podia tirar o punhal, beijá-lo, quase lambê-lo.

7 Muitos e muitos anos depois, me vejo subindo a escadaria da Biblioteca Nacional. Estou crispado como o criminoso que vai reler a notícia do próprio crime. Lá dentro, peço a coleção do *Correio da Manhã* de 1915. Dou o mês do assassinato. Não me lembro se é permitido fumar na sala de leitura; em caso afirmativo, tiro um cigarro e o acendo (guardo o palito na própria caixa). Enquanto não vem a coleção, começo a tecer uma pequena fantasia homicida. Não é mais o Manso de Paiva, mas eu que me escondo atrás de uma coluna. Entra Pinheiro Machado, de fraque. Os rapapés o envolvem: — “Senador! Senador!” É agora. Corro e mato Pinheiro Machado. Sou o assassino. Em seguida, imagino a experiência inversa, de vítima. A dor fulminante da punhalada. Não tenho tempo nem para o espanto, nem para o grito.

8 O funcionário trouxe a coleção. Começo a ficar tenso. Encontro a edição

do crime. Primeiro, passo os olhos no dia, mês e ano (sou um fascinado pelas datas dos velhos jornais e dos velhos túmulos). A manchete rasga as suas oito colunas: — “Assassinado o General Pinheiro Machado!” Ao bater estas notas, sinto o abismo entre as duas manchetes: — a de Pinheiro Machado era um berro gráfico, um uivo impresso; a de Kennedy, estupidamente impessoal, crassamente informativa. Ah, as manchetes de hoje não se espantam, nem se desgrenham, nem reconhecem a catástrofe.

9 O *Correio da Manhã* conta tudo. Estou vendo Pinheiro Machado, de fraque, chegando ao Hotel dos Estrangeiros. Lá está o seu lindo perfil de moeda. Vinha falar com dois políticos de São Paulo. Era um voluptuoso, um lúbrico do Poder. Sua conquista política era um jogo amoroso. O olho ficava mais doce, lascivo, translúcido. Amorosamente, Pinheiro Machado abriu os braços, enlaçando os dois políticos. E assim, entre um e outro, caminha o general, muito olhado. Claro que todos se voltavam para ver o homem que, segundo os comícios e os jornais, era o autor de todos os presidentes.

10 Pouco antes, chegava da Europa Irineu Machado, um dos grandes tribunos da época. Era homem de falar dez horas sem parar (antigamente, tínhamos mais oradores do que hoje camelôs de caneta-tinteiro). E Irineu Machado disse, em comício: — “Matar Pinheiro Machado não é ser assassino. É ser caçador.” Ele não estava improvisando nada. A frase fora criada, recriada, até chegar à sua forma exata, inapelável e assassina.

11 Era apenas uma frase. Mas aí é que está: — nada se fazia então sem frase. Para tudo era preciso uma frase. Repito: — uma frase tanto fazia uma adúltera, como um ministro. E aquilo que Irineu Machado berrara foi de uma prodigiosa eficácia homicida. Caçar Pinheiro Machado, simplesmente caçar. Manso de Paiva estava ouvindo. E se não fosse Manso de Paiva seria outro Manso de Paiva. Até as senhoras eram Mansos de Paiva. A punhalada amadurecia no coração do povo. Mas volto ao Hotel dos Estrangeiros. Passa o caudilho com os outros dois. Ouvia-se o seu riso cálido, vital. Uma dama olha Pinheiro por detrás do leque como uma *Butterfly*.

12 Tudo teve a progressão fulminante da catástrofe. Manso de Paiva sai da

coluna; corre, tira o punhal e o enterra até o fim nas costas do caudilho, pouco abaixo da nuca. Pinheiro soluça: — “Mataste-me, canalha!” Mas Osvaldo Paixão, contemporâneo do episódio, orador de vários comícios ferocíssimos, retificou. Segundo ele, as últimas palavras de Pinheiro foram estas: — “Apunhalaste-me, canalha!” Quero crer que ele tenha dito apenas: “Canalha.” Mas, cabe perguntar, que canalha? Ou, por outra: o caudilho estava com dois paulistas. Morreu certo de que um deles era o “canalha”.

13 (Preciso falar de Guimarães Rosa.) Ah, em 1915, as mulheres tinham um repertório de gritos que as novas gerações não usam, nem conhecem. Era bonito “ser histórica”. Muitas simulavam seus ataques, como o dostoievskiano Smerdiakov. Mas, quando Pinheiro caiu, as damas presentes não fingiam nada. Elas se esganiçavam, e rolavam pelas cadeiras, ou sapateavam como espanholas. Naquela época, uma notícia levava meia hora para ir de uma esquina à outra esquina. Mas toda a cidade ou, mais do que isso, o Brasil soube do assassinato, com uma instantaneidade brutalíssima. E ninguém percebeu que, com Pinheiro Machado, morria também o fraque.

O Globo, 4/12/1967

1 Antes de falar de João Guimarães Rosa, quero dizer ainda duas palavras sobre o velho Rio. (Em nosso idioma, duas palavras são duzentas.) O brasileiro cospe menos, diria eu. Quanto às nossas mulheres, nem cospem. Mas, no tempo do fraque e do espartilho, a cidade expectorava muito mais. Lembrome de antigas bronquites, de tosses longínquas, asma nostálgicas. Nas salas da *belle époque* era obrigatória esta figura ornamental: — a escarradeira de louça, com flores desenhadas em relevo (e pétalas coloridas).

2 O curioso é que a ficção brasileira da época não tenha notado o detalhe. Não há, em todo Machado, uma vaga e escassa referência, e repito: — a escarradeira não existia para o autor, para os personagens, nem para o *décor* dos ambientes. Mas, em 1915, quando assassinaram Pinheiro Machado, ou em 1916, quando vim para o Rio, as famílias tinham pigarros, tosses, que as

novas gerações não conhecem. Dos meus amigos atuais, o único que costuma tossir é o João Saldanha.

3 Bem me lembro da primeira vez em que fui ao cinema. 1916. Eu era um garoto de seis anos; e tudo me espantava. Quando apagou a luz, nasceu na treva uma misteriosa e tristíssima fauna de tosses. Depois do fim, saímos, eu e meu irmão Milton. Olhei e vi: — lá estava ela, num canto da sala de espera. Era escarradeira e flôr: — subia por um caule fino para se abrir em lírio. Larguei-me do irmão e fui lá cuspir. Passei a mão na boca e voltei. Vinha feliz, envaidecido, realizado. Ainda me voltei, da porta, para vê-la. Linda, linda, imitando um lírio ou um copo-de-leite.

2

4 Também me vejo na calçada da rua Alegre. Os mesmos seis anos. Sou pequenino e cabeçudo como um anão de Velasquez. E me fascinava ir de uma esquina a outra esquina, sempre pelo meio-fio. Eu me equilibrava, no meio-fio, como se este fosse fio e vibrante como um arame. Mas eis o que importa dizer: — fazia esse número acrobático, cuspiendo sempre. Também me vejo numa sacada, cuspiendo na cabeça dos que passavam.

5 Bem. Preciso agora explicar que toda essa ternura antiga me veio, outro dia, num boteco. Entrei lá para comprar cigarros e fósforos. Um pau-d'água está resmungando: — “Não gosto de nortista.” Passou os olhos nos presentes e repetiu, num riso encharcado: — “Não gosto de nortista.” E súbito me viu. Vem para mim; disse, cara a cara comigo: — “Eu nasci em casa e com parteira.” Fala com uma vaidade feroz e jucunda. Mas é exatamente o meu caso. Também nasci em casa e com parteira.

6 E assim o pau-d'água anônimo instalou em mim todo o apelo da *belle époque*. Parto em casa, velório em casa, escarradeira na sala, bronquite das tias — todo esse conjunto de relações era o Rio de Machado de Assis, de Pinheiro

Machado, de Rui Barbosa. As famílias usavam as bacias em abundância. Hoje uma simples bacia deflagra em mim todo um movimento regressivo, todo um processo proustiano.

7 E já me ocorre um incidente parlamentar que ouvi contar na minha infância. Era no velho Senado. Pinheiro Machado está na tribuna. Fala, fala com a nobre insolência gaúcha. Mais adiante está Rui Barbosa, “o maior dos brasileiros vivos”. De repente Pinheiro Machado diz: — “Se eu me manter.” Rui cortou, com triunfante crueldade: — “Decerto Vossa Excelência quer dizer .mantiver..” A lambada doeu na carne e no brio do caudilho. Vacila ou nem isso; deu a resposta fulminante: — “Vossa Excelência pode-me corrigir; e é bom que o faça. Pois, enquanto Vossa Excelência aprendia a falar certo e bonito, eu matava e morria na Guerra do Paraguai.”

8 Chego finalmente a João Guimarães Rosa. O curioso é que o nome, por extenso, como num cartão de visitas, soa falso. Guimarães Rosa devia chamar-se apenas, e para sempre, Guimarães Rosa. O João lá não devia estar. Lembro-me de que no sábado, véspera da morte, fui à casa do Hélio Pellegrino. E tivemos uma conversa obsessiva sobre o *Grande sertão* e seu autor. O Hélio deu a idéia: — “Falo com o Callado para promover um almoço com o Guimarães Rosa. Você topa?” Claro, claro. E assim combinamos o almoço com o morto do dia seguinte.

9 Coisa curiosa. O Hélio Pellegrino é um admirador nato. Quando não há quem admirar, sente-se um frustrado e um vencido. Todavia, o seu juízo foi sobre o Guimarães Rosa não era um juízo falho, mas um ponto de interrogação. O Hélio não sabia o que pensar, o que dizer. Admitia que o *Grande sertão* fosse um esmagador monumento estilístico. O próprio autor já dissera: — “Faça pirâmide, não faça biscoito.” Pois seu livro era um pirâmide indubitável. Mas a linguagem rosiana fazia o Hélio sentir uma nostalgia cruel de Graciliano, sim, da seca transparência de Graciliano. Talvez todo Guimarães Rosa fosse uma inútil obra imortal. Juntei as minhas dúvidas às do Hélio. Exagerei as minhas.

10 No domingo, fiz, como sempre, a *Grande Resenha Esportiva* da TV Globo. Em seguida, a fome da madrugada levou-me ao Antonio.s. Comigo ia o Dr. Hilton Gosling. O Guimarães Rosa já estava morto e eu não sabia. Assim como Paris tem seus cafés literários, temos os nossos cafés, bares, restaurantes ideológicos. O Antonio.s é um deles. Lá as nossas esquerdas vão dizer seus palavrões e babar seus pileques. Tomo uma sopa que, aliás, não foi uma sopa — foi um omelete com presunto de Parma. E ninguém me falou nada. Não houve um pau-d.água ideológico que me cochichasse: — “Olha. Morreu o Guimarães Rosa.”

11 Saio do Antonio.s e venho na carona fraterna do Dr. Hilton Gosling. Quando é o João Saldanha que me traz, depois da *Grande Resenha*, costumo dizer: — “Espera que eu entre. Senão me assaltam.” Também o Dr. Hilton esperou, de faróis acesos, que eu abrisse o portão. Grito ao amigo: — “Deus te abençoe.” O que me pergunto é se, por coincidência, pensei no autor de *Sagarana*. Não, não pensei. Minha mulher, Lúcia, só dorme depois que eu chego. Veio abrir a porta dos fundos (aos domingos subo pelo elevador de serviço e entro pela cozinha). Beijo-a, de passagem. Ela já sabe, mas ainda não me diz nada.

12 Naquele momento, uma coisa não me saía da cabeça — o omelete que comera no Antonio.s. Era um veneno para úlcera. Já a caminho de casa, vim pensando: — “Chego e tomo um copo de leite.” O leite acalmaria as danças da úlcera. O antiácido tem sido a minha mais recente fé. Bebi o leite gelado, achei que o omelete estava derrotado e passei para a sala. Foi aí que Lúcia começou: — “Que coisa horrível aconteceu com o Guimarães Rosa!” Eu desfazia o nó da gravata e parei: — “Que foi?” E ela: — “Não sabia? Morreu.” Ainda perguntei: — “Desastre?” Disse: — “Enfarte.”

13 As más notícias agridem em primeiro lugar a minha úlcera. Sinto os seus arrancos. O copo de leite não ia adiantar nada. Fiz várias exclamações: — “Que coisa! Não é possível!” E só falei perguntar: — “Morreu como, se estava vivo?” Lúcia foi dormir. Fiquei rodando pela sala. Eu tivera, com a notícia, duas reações: — primeiro, de pusilanimidade. O enfarte alheio é uma

ameaça para qualquer um. A nossa saúde cardíaca é um eterno mistério, um eterno suspense. Depois do medo, veio algo pior e mais vil: — uma espécie de satisfação, de euforia. Ninguém me via, só eu me via. Vim para a janela olhar a noite. Cada um de nós tem seu momento de pulha. Naquele instante, eu me senti um límpido, translúcido canalha.

O Globo, 5/12/1967